



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς  
Journal of Philosophy

n. 46 Setembro - Dezembro de 2024



**LAURA CERETA: EM DEFESA DE UMA  
“REPÚBLICA DAS MULHERES”**

Natália Braga Tavares

PPGFIL – UFMG

**RESUMO:** Seriam as mulheres notáveis e intelectualmente talentosas exceções à regra? A esta pergunta, que reflete com precisão uma concepção do feminino reiteradamente apresentada e defendida por filósofos e escritores filiados às mais diversas tradições intelectuais, Laura Cereta, uma humanista italiana do século XV, busca responder em uma das cartas mais agudas de seu conjunto de ensaios epistolares. Ao longo das linhas endereçadas a um correspondente que recebe, ironicamente, o nome de *Bibolo Semproni*, Cereta desafia e busca refutar, com base em exemplos tomados da história e da mitologia, a ideia segundo a qual as mulheres seriam, por natureza, moral e intelectualmente inferiores. Trata-se, neste artigo, de seguir de perto o argumento desenvolvido pela autora na carta em questão, destacando, em especial, sua defesa do direito das mulheres à educação e seu recurso à imagem de uma espécie de árvore genealógica, uma longa e nobre linhagem de mulheres célebres – uma *generositas* –, que apontaria para a existência de uma república das mulheres [*respublica mulierum*] documentada e constituída historicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Laura Cereta; Mulheres; Educação; República.

**ABSTRACT:** Would exceptional and intellectually talented women be exceptions to the rule? Laura Cereta, an Italian humanist of the 15th century, seeks to answer this question, which accurately reflects a conception of femininity repeatedly presented and defended by philosophers and writers affiliated with various intellectual traditions, in one of her most incisive letters within her collection of epistolary essays. Throughout the lines addressed to a correspondent ironically named Bibolo Semproni, Cereta challenges and aims to refute, using examples from history and mythology, the idea that women are inherently morally and intellectually inferior. This article closely follows the argument developed by the author in the specific letter, highlighting especially her defense of women's right to education and her use of the image of a kind of genealogical tree, a long and noble lineage of celebrated women – a *generositas* – indicating the existence of a historically documented and constituted “republic of women” [*respublica mulierum*].

**KEYWORDS:** Laura Cereta; Woman; Education; Republic.

Movida pelo desejo de alcançar fama e honra, de preservar “em uma segunda e inteiramente nova imortalidade” o nome “tão maravilhosamente celebrado por Petrarca”<sup>1</sup> (CERETA, 1997, p. 49), Laura Cereta, uma humanista italiana do século

<sup>1</sup> Laura era o nome da jovem que inspirou parte da obra poética de Francesco Petrarca. Uma edição em português com alguns dos sonetos escritos pelo poeta italiano para Laura foi, inclusive, publicada, em

XV<sup>2</sup>, escreveu e tornou público um conjunto de ensaios epistolares, que circulou, desde 1488, nos círculos de elite de Bréscia, Verona, Veneza e Pavia (STELLA, 2022, p. 46). Suas cartas compõem uma reflexão que comporta, ou ainda, em alguma medida, que entrelaça, diferentes temas e problemas, como o direito das mulheres à educação, a servidão feminina no casamento, as guerras em território bresciano e as origens da guerra em geral, discorrendo, ainda, sobre temas caros ao discurso humanista daquele século, como a natureza do verdadeiro prazer, o papel da fortuna na vida dos homens e a brevidade da vida humana. Reflexão complexa e multifacetada que é atravessada, ainda, do início ao fim, por dois temas específicos que concernem à história pessoal da autora: sua paixão pelo aprendizado e o seu desejo de alcançar, por meio de sua pena, a fama imortal.

Como a própria vida de Cereta viria, contudo, a demonstrar<sup>3</sup>, o caminho para o conhecimento e para a fama eterna não se encontraria plenamente aberto, no Quattrocento, para aquelas que ocupavam um lugar no que a autora denominara “república das mulheres”. Uma república constituída a partir da pena daquelas que eram, por sua própria natureza, pelo fato mesmo de serem mulheres, excluídas do poder, mantidas a uma certa distância dos debates públicos e à margem do próprio movimento humanista, constituindo apenas, como lembra Margaret King, uma pequena minoria deste<sup>4</sup> (KING, 1984, p. 67). O que já permite entrever que o contexto no qual Cereta estava inserida estava longe de ser um terreno fértil para uma mulher com alguma pretensão intelectual. Ao contrário, os obstáculos com os quais as mulheres letradas, de maneira geral, costumavam se deparar foram amiúde decisivos para o seu afastamento dos estudos ou do próprio mundo, da cena pública na qual o debate intelectual se desenrolava. Obstáculos que se encontravam diretamente ligados a ideias pré-concebidas acerca das mulheres, a uma concepção de feminino segundo a qual as mulheres seriam, por natureza, moral e intelectualmente inferiores.

---

2023, pela editora Companhia das Letras. Cf. PETRARCA, F. *Na terra e no céu*: 84 sonetos de amor para Laura. Trad. Sérgio de Queiroz Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

<sup>2</sup> Para uma análise mais detida sobre a adesão de Cereta ao movimento humanista — o que escapa aos meus propósitos neste artigo —, ver: RABIL, A. *Laura Cereta, Quattrocento Humanist*. Binghamton, New York: Medieval & Renaissance texts & studies, 1981, pp. 23-28.

<sup>3</sup> O trabalho de Cereta não alcançou, durante o curto período de tempo em que viveu — a autora viveu até os trinta anos de idade — a fama que ela tanto desejara. Seu manuscrito apenas viria a encontrar um editor e ser devidamente publicado em meados do século XVII, mais precisamente em 1640.

<sup>4</sup> A própria Cereta seria, como aponta, Albert Rabil, uma figura menor no humanismo do Quattrocento: “(...) *one not allowed to participate fully in the movement because of her sex [...]*” (RABIL, 1981, p. 23).

Precisamente essa concepção, que parece ter ecoado nos escritos de filósofos e autores filiados às mais diversas tradições, Cereta buscou refutar em uma das cartas mais contundentes de todo o volume, endereçada a um destinatário fictício que recebeu, ironicamente, o nome de *Bibolo Semproni* — que poderia ser traduzido, do latim, como beerrão ou bêbado contumaz. Na carta em questão, sobre a qual nos debruçaremos ao longo das páginas que se seguem, a autora apresenta uma defesa intrépida das mulheres, de sua capacidade de aprendizado, da virtude e do talento daquelas que a precederam, engajando-se no debate que visava combater a ideia segundo a qual a inteligência e a notável capacidade intelectual apresentada por mulheres ao longo da história teria, na verdade, um caráter excepcional, contrário à própria natureza feminina. Debate que, como bem observa Clara Stella, já havia sido iniciado por Christine de Pizan (STELLA, 2022, p. 51).

Seguindo, assim, por uma trilha algo semelhante àquela escolhida por Pizan<sup>5</sup> e servindo-se também de alguns dos exemplos que Giovanni Boccaccio apresenta em seu livro *Sobre as mulheres famosas [De mulieribus claris]*, Cereta busca refutar a ideia da excepcionalidade da inteligência feminina — presente no próprio texto de Boccaccio —, demonstrando a existência de uma longa e nobre linhagem de mulheres célebres e postulando, ao mesmo tempo, que o conhecimento se ancoraria não em uma espécie de dádiva concedida aos homens, inerente à natureza masculina, mas em uma *liberdade* de aprender que fora dada, igualmente, pela natureza, a todos, homens e mulheres. Trata-se, portanto, neste artigo, de seguir de perto os argumentos desenvolvidos pela autora na carta mencionada, visando reconstituir, explorar e compreender, em seus elementos principais, a tese defendida por Laura Cereta de que, ao contrário do que repetiam incessantemente os seus detratores — em claros e francos ataques, mas também sob a forma de longos e elogiosos discursos —, longe de se apresentarem como exceções a uma regra de inferioridade intelectual e moral, as mulheres notáveis pertencem a uma longa linhagem, ou ainda, a uma república; a “república das mulheres”.

---

<sup>5</sup> Muito embora existam algumas semelhanças marcantes entre a carta de Cereta e a obra de Pizan, *Cidade das damas*, é importante ressaltar que, como afirma Diane Robin, responsável pela tradução e edição das cartas de Cereta em língua inglesa, é improvável que a autora tenha conhecido O *Cité des Dames* de Pizan: “Christine’s *Cité des dames*, though translated into English in 1521 by Brian Ansley (*Boke of the Cyte of Ladyes*), remained virtually unknown until the eighteenth century when her works appeared in *Collection des meilleurs ouvrages français compasées par des femmes*, 14 vols., ed. Mlle. De Keralio (Paris, 1786-89)” (ROBIN, 1997, p. 10). Para uma análise dos argumentos apresentados por Christine de Pizan na *Cidade das damas* para desconstruir a concepção de feminino ancorada em uma suposta inferioridade moral e intelectual das mulheres, ver: BENEVENUTO, F. Christine de Pizan: razão e educação das mulheres na *Cidade das damas*. *Perspectiva Filosófica*, v. 48, n. 2, 2021, pp. 43-68.

Para que sejamos, de fato, capazes de compreender a tese proposta pela autora e suas implicações, parece-nos válido, contudo, voltarmos-nos, antes, para o contexto que, de alguma maneira, a ensejou ou provocou. Partiremos, desse modo, da pergunta acerca do que significava e implicava, afinal, ser uma mulher letrada no Quattrocento, acerca dos principais desafios e entraves com os quais mulheres como Cereta frequentemente se deparavam. Pergunta que, ao ser examinada, ainda que brevemente, nos permitirá apreender algumas das principais ideias ou convicções correntes acerca das mulheres e de sua natureza que importaram a autora contestar de maneira tão veemente na carta endereçada a *Bibolo Semproni*, sobre a qual nos debruçaremos em seguida, buscando, sobretudo, colocar em evidência os argumentos apresentados por Cereta para sustentar sua tese.

Para isso, ateremo-nos, em primeiro lugar, ao recurso da autora à imagem de uma espécie de árvore genealógica, visando demonstrar a existência mesma de uma linhagem de mulheres célebres documentada e constituída historicamente, ocupando-nos, em seguida, do argumento segundo o qual haveria entre o aprendizado e a escolha um laço intrínseco, o que permitiria, enfim, compreender, segundo Cereta, que nada há na natureza feminina que impeça as mulheres de aprenderem e que se o número de mulheres letradas era consideravelmente menor que o número de homens, a razão para isso não se encontraria, em absoluto, na natureza.

Começemos, então, nosso percurso e vejamos de que modo Laura Cereta responde à pergunta que parece ter ressoado — em diferentes modulações — nas mais diversas tradições de pensamento ao longo do Renascimento: seriam as mulheres notáveis e intelectualmente talentosas exceções à regra?

### **Laura Cereta: uma mulher letrada no Quattrocento**

As humanistas italianas foram pioneiras no que concerne à educação feminina, porquanto conseguiram obter tanto uma alfabetização em latim, quanto conhecimentos de literatura clássica e cristã equivalentes aos dos homens proeminentes (KING; RABIL, 1997, p. xxiv). Isso não significa, entretanto, como veremos a partir de agora, que aquelas mulheres ávidas por conhecimento fossem plenamente livres para seguirem dedicando-se com afinco ao que Cereta denominara “jornada da mente” (CERETA, 1997, p. 37); para seguirem devotando-se aos estudos que tanto amavam. Ao contrário, elas eram confrontadas muito cedo com um impasse que já lhes permitia perceber o

quão restritas eram as possibilidades e o quão estreito era o caminho que tinham diante de si, independentemente da “escolha” feita. Como esclarece Margaret King, em seu ensaio “Celas forradas de livros”, referindo-se especificamente às mulheres letradas, notáveis por seu talento e por sua precocidade:

Cabia a essas mulheres escolherem, portanto — e esta escolha muito raramente era, de fato, exclusivamente delas —, entre o abandono dos estudos e o abandono do mundo em um convento ou mesmo em uma solidão autoimposta em casa. O que nos mostra que a educação, a dedicação aos estudos, emergia mais como uma espécie de concessão do que propriamente como um direito ou mesmo como um caminho que aquelas mulheres notáveis e precoces poderiam seguir ao longo da vida se assim desejassem. Talvez por essa razão, Cereta tenha descrito, em uma de suas cartas<sup>6</sup>, o tempo que dedicava aos estudos como um tipo de roubo<sup>7</sup>, pois que se tratava, como ela afirmara, em seguida, de um “trabalho proibido” (CERETA, 1997, p. 32). Para que pudesse estudar os autores antigos e escrever seu conjunto de ensaios epistolares, a autora precisava, afinal, passar as noites em claro, já que apenas depois de concluir todas as tarefas relacionadas aos cuidados com a casa e com a família, era possível se engajar nas atividades intelectuais e literárias que lhe eram tão caras. Suas noites eram, desse modo, reservadas para este trabalho proibido, o que lhe custava, evidentemente, o sono, o descanso tão necessário depois de um dia inteiro dedicado às atividades domésticas<sup>8</sup>. Ainda assim, Cereta parecia estar convencida de que este não era um preço

<sup>6</sup> Carta endereçada a Sigismondo de Bucci. Ver CERETA, 1997, pp. 31-34.

<sup>7</sup> “*Time is a terribly scarce commodity for those of us who spend our skills and labor equally on our families and our own work. But by staying up all night, I become a thief of time, sequestering a space from the rest of the day, so that after working by lamplight for much of the night, I can go back to work in the morning. My point is that the first shadowings of the waning day don't ever deprive me of the time to read and write*” (CERETA, 1997, pp. 31-32).

<sup>8</sup> Desde muito cedo, Cereta recebera a incumbência de ajudar a cuidar de seus irmãos e irmãs mais novos, tendo assumido, pouco mais de um ano depois de retornar de um convento, aos 11 anos, a responsabilidade por quase todas as tarefas domésticas, o que a levava a afirmar em uma de suas cartas: “*Thus it was my lot to grow old when I was not far from childhood*” (CERETA, 1997, pp. 27-28). Neste quadro, é válido destacar, ainda, que, entre os quinze e os dezesseis anos, a autora se casara com o comerciante Pietro Serina, ficando, contudo, viúva apenas dezoito meses depois. Justamente neste período, ela preparara o volume de ensaios epistolares que nos deixou. O que não significa, todavia, que ela estivesse então livre do trabalho doméstico e do cuidado com sua família, tendo em vista que, antes mesmo da morte de Serina, o pai de Cereta fora acometido de uma doença debilitante, fazendo-se necessário que, em sua ausência, ela ajudasse a cuidar do patrimônio e da propriedade da família. Em uma carta enviada a um amigo de seu pai, a autora descrevera a situação em que se encontrava: “*Though I came down to my father's magistracy so that I could have some leisure time, I still have not had even the time to catch my breath. It's as though I'm pulled in opposite directions – I'm torn between my desire to help settle my father's affairs and my responsibilities as a wife. The way things are here, opportunity beckons me to stay, but worry tugs at me to return home. And so I am troubled because I want, alternatively, to be in both places*” (CERETA, 1997, p. 31).

tão alto a pagar quando o que estava em questão eram os frutos da fama, os quais, ao contrário do esforço que despendia, seriam eternos. Em seus termos:

Eis aqui, então, as coisas que fiz com minhas próprias mãos antes dos primeiros raios do alvorecer. Este grande volume de epístolas [...] testemunha, letra por letra, tudo o que consegui reunir das musas no silêncio da noite. Depositei toda a minha esperança no meu amor pela literatura. Enquanto outros podem atravessar os mares em busca de riquezas mundanas, eu, que sou mais covarde, me consumirei em casa em nome de uma posse que é imortal, seguindo o exemplo de um pai diligente diante de mim. Pois a posse da virtude incendeia mentes grandiosas a buscar os frutos da fama, que são eternos, embora o próprio trabalho seja efêmero (CERETA, 1997, p. 34).

É importante ressaltar, neste contexto, que a atividade intelectual havia, desde muito cedo, despertado o interesse de Cereta, que teve a chance de aprender a ler e a escrever em um convento para o qual fora enviada aos sete anos de idade, onde aprendera, ainda, graças a uma freira letrada que a teria colocado “sob suas asas”, os rudimentos do latim. Guiada por seu pai, um magistrado humanista, ela pôde também ser introduzida ao estudo dos clássicos, manifestando desde a infância um profundo amor pelos estudos e pelo conhecimento. Como ela afirmara em uma carta endereçada ao Cardeal Ascanio Sforza<sup>9</sup>, apenas no estudo ela experimentava uma sensação de contentamento interior (CERETA, 1997, p. 38). Sensação esta que parece ter se mostrado intensa o suficiente para levá-la a depositar, como vimos na passagem citada anteriormente, toda a sua esperança em seu amor pela literatura e a ousar percorrer o estreito caminho para a fama eterna, atrevendo-se, inclusive, a escrever discursos para ocasiões públicas, os quais buscou, como afirmara na mesma carta, embelezar grandiosamente, “pintando quadros com palavras para influenciar as pessoas e estimular suas mentes” (CERETA, 1997, p. 37).

Para que o leitor possa, verdadeiramente, compreender a intrepidez e as implicações inerentes ao movimento de Cereta, a sua tentativa de alcançar, por meio de sua escrita, os frutos eternos da fama, é preciso, contudo, destacar a incompatibilidade existente, naquele período, entre a modéstia feminina e a exposição pública, que era, em contrapartida, justamente o objetivo da educação masculina (BROAD; GREEN, 2009, p. 41). Havia, neste sentido, uma diferença fundamental entre a educação dos homens e aquela a qual as mulheres — algumas delas — tiveram acesso. Se a exposição e o discurso públicos se encontravam no próprio centro da formação masculina, ambos

---

<sup>9</sup> Na carta em questão, Cereta buscava convencer o Cardeal a ser o seu patrono. Cf. CERETA, 1997, pp. 37-43.

eram vistos, no que concerne às mulheres, como um sinal claro de sua falta de virtude, esta última diretamente associada, por sua vez, à luxúria, à ganância, à falta de autocontrole e à devassidão sexual (BROAD; GREEN, 2009, p. 44). A “virtude” fundamental das mulheres era, afinal, segundo a cultura tradicional europeia, a castidade, em claro contraste com a coragem, a generosidade, a liderança e a racionalidade, vistas como virtudes características dos homens (KING; RABIL, 1997, p. xxi).

A castidade emergiria, assim, como a virtude quintessencial das mulheres, e, ao mesmo tempo, como a exigência que se apresentava, em grande medida — e este ponto é fundamental —, como a origem de outros impedimentos, já que as mantinha em casa, as silenciava e as isolava (KING; RABIL, 1997, p. xxi). O silêncio, e não eloquentes discursos proferidos em ocasiões públicas, era a marca, o sinal mais evidente da virtude feminina. O que implica que o discurso público era percebido, no que diz respeito especificamente às mulheres, como um problema, como “uma indicação clara de falta de castidade” (KING; RABIL, 1997, p. xxiii).

Do mesmo modo, a busca pela fama, tão marcante em Cereta, seria, neste contexto, incompatível com a modéstia feminina e, em última instância, com a própria castidade, ameaçando, portanto, a honra e a reputação de todas aquelas que, de algum modo, cediam aos encantos do conhecimento e da intelectualidade<sup>10</sup>. Incompatibilidade e ameaça que atormentaram as mulheres instruídas, as escritoras, por muitos séculos, pois que as colocava, como apontam Jacqueline Broad e Karen Green, diante da “complexa tarefa de conciliar seu desejo por fama e influência com a construção de uma *persona* virtuosa e modesta” (BROAD; GREEN, 2009, p. 44). Tarefa cuja dificuldade — ou, quem sabe, impossibilidade — se permite apreender com suficiente clareza quando nos atentamos para o fato de que o mero ato de escrever poderia ser, por si só, suficiente para manchar a honra e a reputação de uma mulher (STELLA, 2022, p. 61).

Neste quadro, é interessante notar, ainda, como um tal estado de coisas, a necessidade mesma de que as mulheres oferecessem uma imagem de si que enfatizasse, sobretudo, a castidade, a modéstia e a virgindade (BROAD; GREEN, 2009, p. 44), parece ter, de algum modo, sustentado argumentos como o de Leonardo Bruni – um dos humanistas italianos mais proeminentes –, que se manifestou sobre a importância de

---

<sup>10</sup> Como observara Margaret King, “(...) *the guarding of chastity was the primary business of the daughters of the Renaissance. Their honor consisted in the maintenance of their chastity; their fathers’ honor consisted in their supervision of the chastity of their daughters and wives*” (KING, 1991, p. 29).

que as mulheres fossem privadas não do discurso, mas do discurso público, que era e deveria se manter reservado aos homens (KING, 1984, p. 77). A retórica deveria, portanto, ser mantida fora do alcance das mulheres letradas. O que significa que a educação das mulheres não deveria contemplar — valendo-nos aqui das palavras precisas de Margaret King — “a única disciplina cujo conhecimento lhes permitiria tomar parte, publicamente, no discurso intelectual” (KING, 1984, p. 77).

Diante disso, parece-nos possível dizer que, ainda que algumas mulheres tenham conseguido, naquele período, obter uma educação, isso não significava, em absoluto, a abertura plena e sem restrições do mundo ou do espaço público, uma grande ampliação dos limites que as mantinham restritas ao ambiente doméstico ou ao espaço interno dos conventos; não implicava, finalmente, a oportunidade de se engajarem em ricos debates públicos com seus pares humanistas. Razão pela qual a educação das mulheres fora vista por alguns homens como uma espécie de desperdício, como relatara Cereta em uma de suas cartas:

Todavia, tendo em vista que os homens recebem uma educação em literatura e em outros estudos, de maneira que possam se beneficiar do exemplo dos antepassados, os mais importantes homens de diversas ordens têm dito publicamente que a educação fora desperdiçada em mim, pois que ela beneficiou apenas a mim, e não aos outros (CERETA, 1997, p. 39).

A educação recebida por uma mulher não traria, assim, segundo a opinião de alguns dos “mais importantes homens de diversas ordens”, benefícios a mais ninguém a não ser a ela própria. Não se esperava, afinal, que ela tomasse parte no debate público, que demonstrasse toda a sua eloquência e saber em grandes discursos, que influenciasse as pessoas e estimulasse suas mentes, como pretendia Cereta, tampouco era esperado que sua pena tornasse imortal o seu nome e lhe rendesse os frutos eternos da fama. Sua virtude residia, afinal, no silêncio, na modéstia e na castidade. Virtude que seria colocada sob suspeita no momento em que esta mulher se atrevesse a debater com seus pares do gênero masculino, a discursar publicamente, a escrever incansavelmente, visando “escalar novas alturas” (CERETA, 1997, p. 38) e tornar conhecidas as suas palavras. O que nos permite perceber que a escolha entre dois futuros, entre o casamento e a retirada do mundo para uma vida de reclusão não era o único impasse com o qual as mulheres letradas se viam confrontadas. Parecia ser preciso, afinal, escolher, ainda, entre a virtude e a escrita, entre a modéstia e a busca pela fama.



Como se pode perceber, o que seria considerado um sinal claro de virtude para os homens, indicava, no que concerne às mulheres, um comportamento impuro, não virtuoso. Ou, poderíamos dizer ainda, não natural, como se, ao adentrarem o mundo do aprendizado e do conhecimento, as mulheres letradas avançassem em direção a um domínio masculino, convertendo-se, ao fazê-lo, ao se igualarem intelectualmente aos homens ou até mesmo superá-los, em “seres temíveis e antinaturais” (KING, 1991, p. 238). Isso porque a capacidade de aprendizado, a própria inteligência, não eram vistas, naquele contexto, por “importantes homens” das mais diversas ordens e tradições, como inerentes à natureza feminina; seriam, ao contrário, atributos próprios aos homens. Por essa razão, desde os primórdios do humanismo, a identidade sexual das mulheres letradas chegou a ser, inclusive, por vezes, considerada ambígua:

Pois as mulheres que competiam com homens instruídos e tinham a audácia de igualá-los ou superá-los não eram reconhecidas por sua excelência para integrarem a companhia dos homens — mas eram excluídas da companhia das mulheres. Como milagres divinos, eram, ao mesmo tempo, maravilhosas e terríveis; como prodígios, haviam excedido — e violado — a natureza. Masculinas pelo intelecto, femininas no corpo e na alma, sua identidade sexual era tornada ambígua [...] Não completamente masculinas, nem completamente femininas, as mulheres instruídas pertenciam a um terceiro sexo amorfo (KING, 1984, p. 75).

Essas mulheres, ou ainda, esses seres ambíguos, pertencentes a essa espécie de “terceiro sexo”, eram, assim, por vezes atacadas como seres terríveis, não virtuosos, outras vezes elogiadas, admiradas como seres dotados de um intelecto excepcional, destacando-se justamente por excederem a sua própria natureza. Como quer que seja, o ponto que precisamos reter é que, quer fossem atacadas por sua falta de modéstia e de castidade, quer fossem elogiadas por terem transcendido o seu próprio gênero, o que parece, de fato, importar, neste contexto, é que o pressuposto permanece o mesmo, qual seja, o de que o talento intelectual e, em alguma medida, a própria capacidade de aprendizado, seriam atributos estranhos à natureza feminina. Natureza esta que carregaria, portanto, em si, a marca indelével da inferioridade moral e intelectual. Precisamente contra este pressuposto, Cereta dirige algumas das palavras mais duras de seu volume de ensaios epistolares, na carta enviada a *Bibolo Semproni*, sobre a qual nos debruçaremos a seguir.

**Carta a *Bibolo Semproni*: “Em defesa de uma educação liberal para as mulheres”**

Na carta em questão, escrita em 1488 e intitulada “Em defesa de uma educação liberal para as mulheres”<sup>11</sup>, Laura Cereta oferece uma resposta mordaz a este destinatário fictício, *Bibolo Semproni*, cujo nome remete à ideia mesma de alguém em estado de embriaguez e que parece se apresentar como uma espécie de caricatura, por assim dizer, de preconceitos e convicções a respeito das mulheres que teriam ecoado, inclusive, nos escritos de alguns dos autores mais influentes do período. Uma resposta que tinha como objetivo desafiar e refutar, com base em exemplos tomados da história e da mitologia, a ideia segundo a qual as mulheres seriam, por natureza, moral e intelectualmente inferiores. Ideia ou proposição que ecoaria, também, como ela destaca, nas palavras supostamente lisonjeiras dirigidas àquelas cuja brilhante inteligência as faria louváveis justamente por se apresentarem como “exceções à regra”.

Logo nas linhas iniciais, Cereta expressa seu descontentamento com a conclusão de seu destinatário, segundo a qual uma mulher com um intelecto extraordinário como o dela — “do tipo que se poderia supor que a natureza concederia aos homens mais eruditos” (CERETA, 1997, p. 75) — raramente tinha sido vista entre os povos do mundo. Conclusão que, para ela, indicava apenas que seu interlocutor havia abandonado completamente a verdade e estava a difundir informações claramente falsas, o que a leva a alertar-lhe, em seguida, que a “armadilha da lisonja” (CERETA, 1997, p. 75), ainda que sedutora, não a cegaria. Como ela observa, tal como os lobos, cujos olhos irradiam luz em plena escuridão, ela era, afinal, perfeitamente capaz de perceber que se tratava de uma armadilha preparada, em seus termos, “para o sexo que foi reverenciado ao longo da história” (CERETA, 1997, p. 75), de maneira que, no fim, *Semproni* é quem seria enredado pelo artilheiro que havia preparado.

Para entendermos melhor essa “armadilha da lisonja” à qual Cereta se refere, é importante chamar a atenção do leitor para a existência, no período, de obras que, embora se apresentassem como elogios às mulheres e pretendessem, aparentemente, como lembram Margaret King e Albert Rabil, conscientizar os leitores sobre um gênero normalmente esquecido na literatura — o gênero feminino —, acabavam por se apresentar, nos termos precisos de King, como um “um conjunto de retratos claramente misóginos” (KING; RABIL, 1997, p. xvii), como era o caso da conhecida obra de Giovanni Boccaccio, “Sobre as mulheres famosas”, obra que Cereta parece inclusive — muito embora não a cite diretamente — ter em mente nos ataques que dirige a seu

---

<sup>11</sup> Título que remete à tese sobre a capacidade — a liberdade — de aprendizado que Cereta defenderá na parte final da carta e que abordaremos mais adiante.

destinatário, *Bibolo Semproni*. O texto de Boccaccio acabaria, afinal, por enfatizar as virtudes da castidade, do silêncio e da obediência, reforçando e não rompendo, portanto, com a visão hegemônica do papel das mulheres (KING; RABIL, 1997, p. xvii).

Colocada contra esse pano de fundo, a carta de Cereta pode ser melhor compreendida, pois que nos deparamos, logo nas linhas iniciais, com um descontentamento que não encontra sua razão de ser em uma ofensa individual ou mesmo em uma crítica que houvesse sido abertamente dirigida à autora. Ao contrário, o que desperta o seu dessabor, ou ainda, mais que isso, a sua ira, não é senão o aparente elogio que a elegera como uma raríssima exceção; elogio ao qual subjaz a própria noção ou convicção de que as mulheres seriam, por natureza, inferiores, desprovidas de grandes habilidades intelectuais e até mesmo de virtude. Neste quadro, o que a leva a enfrentá-lo, a atacá-lo abertamente com sua pena é, portanto, precisamente, a ofensa que ele dirigira às mulheres, no plural, a sua própria “linhagem”. Nos termos precisos de Cereta:

Acredite, eu ficaria em silêncio se você, com sua atitude hostil e invejosa de longa data em relação a mim, tivesse aprendido [a atacar apenas a mim] [...] Mas estou irritada e meu desgosto transborda. Por que a condição [de nosso sexo] deveria ser envergonhada por seus pequenos ataques? Por causa disso, uma mente sedenta de vingança é incendiada; por causa disso, uma pena adormecida é despertada para a escrita insone. Por causa disso, uma raiva [incandescente expõe] um coração e uma mente há muito silenciados (CERETA, 1997, p. 75).

A acidez de suas palavras e a intensidade de sua reação seriam, assim, o resultado de um golpe reiteradamente desferido não simplesmente contra a autora ou contra esta, ou aquela mulher, mas, para utilizar a metáfora de que se valera Cereta em toda a carta, contra uma “nobre linhagem”, o que a levava a afirmar, ainda, de maneira peremptória:

Minha própria causa é digna: sou impelida a mostrar que grande glória a nobre linhagem que carrego em meu próprio peito conquistou para a virtude e para a literatura — uma linhagem que o conhecimento, portador de honras, exaltou em todas as eras. Pois a posse desta linhagem é legítima e certa, e ela chegou até mim através da continuação perpétua de uma raça mais duradoura (CERETA, 1997, pp. 75-76).

Para suportar seu argumento, a autora se põe, então, a citar numerosos exemplos de mulheres notáveis, de pensadoras, poetisas e profetisas que a precederam. Mulheres que Cereta apresenta de maneira marcadamente distinta — e, em certo sentido, até mesmo oposta — àquela que encontramos na obra de Boccaccio, citada há pouco. Aliás,

principalmente neste ponto específico do texto, parece possível e minimamente plausível supor que ela estivesse, com sua carta, tecendo duras críticas ao modo como, na obra em questão, as mulheres que se mostraram dignas de fama seriam apresentadas como exceções, dotadas de traços e características próprias, inerentes aos homens, e não às mulheres de maneira geral, além de terem sempre destacadas ações que, contrárias à virtude da castidade, as teriam levado, por fim, a despeito de seu talento, à desonra.

Para tentar demonstrar este ponto — ou pelo menos lançá-lo como uma questão —, gostaríamos de recorrer a um exemplo específico de uma mulher citada por Cereta que também aparece no texto de Boccaccio — lembrando apenas que ela não é, em absoluto, a única a ser apresentada por ambos. Referimo-nos a Semprônia Romana, que era, segundo nossa autora, “vigorosa em sua eloquente poesia” (CERETA, 1997, p. 78) e, tendo discursado, inclusive, em assembleias públicas, “encheu as mentes de seus ouvintes com persuasivas orações” (CERETA, 1997, p. 78). Boccaccio, por sua vez, observa, inicialmente, que ela era dotada “de um intelecto rápido e versátil, de modo que imediatamente compreendia e reproduzia por imitação tudo o que ouvia ou via os outros fazerem” (BOCCACCIO, 1963, p. 173). Ressaltando que ela aprendera não apenas o latim, mas também o grego, ele afirma que “ela ousou, ao contrário do que fazem as mulheres, compor versos quando sentia vontade” (BOCCACCIO, 1963, p. 173) e “que escrevia tão habilmente que fazia se maravilharem todos os que os liam, como se fossem [versos] extraordinários e louváveis mesmo para um homem” (BOCCACCIO, 1963, p. 173). Por fim, ele ressalta que ela sabia cantar e dançar elegantemente, sem deixar de observar que estas habilidades estão entre as mais elogiáveis em uma mulher, “desde que sejam usadas adequadamente” (BOCCACCIO, 1963, p. 173).

Na sequência do texto, o tom elogioso dá lugar, no entanto, a duras críticas que teriam como objeto as “ações malignas” nas quais Semprônia se encontraria imersa. Em seus termos:

(...) impulsionada por uma ousadia excessiva, às vezes se envolvia em coisas que são condenáveis até mesmo em um homem. Com danças e cantos, que são instrumentos da sensualidade, ela se entregava à libertinagem. Ardendo de luxúria, ela desprezava toda honra e reputação feminina [...] ela procurava os homens mais frequentemente do que eles a procuravam (BOCCACCIO, 1963, p. 173).

Buscando, então, encontrar as razões para um tal comportamento, Boccaccio aponta para a indulgência dos pais em relação às filhas adolescentes como algo que

corrompe seu caráter, que faz com que a timidez feminina dê, aos poucos, lugar à audácia, constatando que: “Uma vez que isso tenha infectado a honra da virgindade e a modéstia tenha sido deixada de lado” (BOCCACCIO, 1963, p. 174), se luta em vão para salvar aquelas que estariam se desviando.

Sem nos aprofundarmos no texto de Boccaccio, o que escaparia a nossos propósitos, gostaríamos de ressaltar o modo como, mesmo nas sentenças em que o autor elogia as virtudes de Sempronia, citadas anteriormente, o leitor pode perceber, no próprio texto, as marcas de um pensamento sobre as mulheres ainda profundamente atravessado pela ideia da inferioridade feminina. Marcas como, por exemplo: “ela ousou compor versos, *ao contrário do que fazem as mulheres*”, “como se fossem versos extraordinários e louváveis *mesmo para um homem*”, além de apontar o canto e a dança como habilidades que estariam entre as mais elogiáveis “em uma mulher”, e, claro, “desde que sejam usadas adequadamente”. Neste sentido, chamamos a atenção, ainda, para as ações que o autor apresenta “malignas”, ações que seriam assim consideradas justamente por sua incompatibilidade com as virtudes da modéstia e da castidade.

Ora, neste ponto, chama a atenção que, nos exemplos levantados e apresentados por Cereta — exemplos que ocupam boa parte de sua carta —, a questão sexual se encontra simplesmente ausente. Ao falar sobre as virtudes das mulheres que cita como exemplos da nobre linhagem que carrega em seu peito, a autora não faz, em momento algum, qualquer referência à questão sexual, quer seja como um problema, como uma “ação maligna”, como o faz Boccaccio, quer seja como uma virtude, como a castidade ou a modéstia. Ao contrário, o que lhe interessa destacar no grupo diverso de mulheres citadas não é senão o seu conhecimento, os frutos notáveis que teriam resultado da dedicação de algumas delas à literatura, os feitos que lhes renderam merecida fama, a vivacidade de sua escrita, sua capacidade de tecer e compor histórias, de expressar suas opiniões, de proferir discursos em reuniões públicas com elegância, persuadindo os ouvintes de sua grande sabedoria e o fato mesmo de terem sido, em suas palavras, “fontes maravilhosas de luz no mundo das letras” (CERETA, 1997, p. 78).

Longe de defini-las em termos de seu papel sexual, como era comum naquele contexto, segundo Margaret King, em seu livro *Mulheres na Renascença* (KING, 1991, p. 29), Cereta as apresentou e as louvou, assim, por aquilo que elas se mostraram capazes de realizar, por seu impacto e sua influência no mundo. Um mundo, é preciso dizer, que estivera muitas vezes fechado para elas, cujas vidas se desenrolavam, via de regra, no espaço privado, atrás dos muros de uma casa ou de um convento.

Todas essas restrições não teriam sido, todavia, suficientes para impedir que a nobre linhagem das mulheres se desenvolvesse, florescesse, deixando atrás de si as marcas de seus feitos e realizações. Era essa, ao que parece, a convicção de Laura Cereta, que afirmara, após citar tantas mulheres notáveis:

Toda a história está repleta de exemplos assim. Meu ponto é que sua boca se tornou suja porque você a mantém selada, para que nenhum argumento que saia dela possa lhe permitir admitir que a natureza concede igualmente a todos os seres humanos uma liberdade — aprender. Mas a questão de minha excepcionalidade permanece. E aqui, somente a escolha, uma vez que é a única árbitra do caráter, é o fator distintivo. [...] Pois o conhecimento não é dado como um presente, mas se adquire por meio do estudo. Pois uma mente livre, aguçada e inflexível diante do trabalho árduo sempre se eleva ao bem, e o desejo pelo aprendizado cresce em profundidade e amplitude (CERETA, 1997, pp. 78-79).

O conhecimento e a capacidade de aprendizado não seriam, assim, para a autora, atributos próprios aos homens, à natureza masculina, por assim dizer. A capacidade, ou ainda, valendo-nos do termo preciso utilizado por Cereta, a *liberdade* de aprender é concedida igualmente pela natureza a todos, homens e mulheres, como demonstram os numerosos exemplos das mulheres que compõem toda uma linhagem dotada de nobreza e mesmo de fama. Como ela diz a seu destinatário: “Minha bondade para com os homens nem sempre é recompensada, e você pode imaginar, em seu desprezo pelas mulheres, que sou a única a maravilhar-me com a felicidade de ter talento — eu, que diante da merecida fama de outras mulheres, sou realmente apenas um pequeno ratinho” (CERETA, 1997, p. 80).

A autora estaria plenamente consciente, portanto, como bem aponta Albert Rabil — que publicou, em 1981, uma edição crítica com algumas cartas, em latim, que ainda não haviam sido publicadas nas edições anteriores —, de que destacá-la como um prodígio entre as mulheres não era senão demonstrar desprezo por todo o gênero feminino (RABIL, 1981, p. 103); um desprezo que tinha justamente a forma da condescendência e que, sob uma tal forma, seguia, talvez com uma facilidade inclusive maior, espalhando mentiras sobre as mulheres, fazendo penetrar, nos discursos e nas mentes de quem as lia, a própria ideia de que a natureza teria negado às mulheres, em geral, a possibilidade mesma de aprender.

Nada poderia estar, contudo, para Cereta, mais distante da verdade. Como ela estava convencida, o aprendizado é uma possibilidade que depende, que está ancorada, não na natureza, mas na escolha — pois que a natureza “abre a todos, igualmente, as

portas da escolha, e por meio dessas portas, a razão envia legados à vontade, pois é por meio da razão que esses legados podem transmitir seus desejos” (CERETA, 1997, p. 79). O que significaria que, se mulheres letradas, instruídas, eram então mais raras do que homens, a razão para um tal estado de coisas se encontrava nos costumes, que continuamente condicionavam ou mesmo coagiam, de alguma forma, as mulheres a cuidarem e a valorizarem mais os seus corpos do que suas mentes (RABIL, 1981, p. 102).

Os costumes encorajariam, assim, as mulheres, a se preocuparem “com o penteado de seus cabelos, a elegância de suas roupas e as pérolas e outras jóias que usam nos dedos” (CERETA, 1997, p. 79), e não a estudarem, “a disciplinarem seus corpos de modo a serem capazes de treinarem suas mentes” (RABIL, 1981, p. 102). Lembremos que, como vimos anteriormente, a educação das mulheres emergira, durante o Renascimento, mais como uma concessão do que, propriamente, como um direito. Direito que Cereta parece ter buscado defender com afinco na carta sobre a qual nos debruçamos até aqui, como o próprio título já nos permitia entrever.

Se a capacidade ou a liberdade de aprender encontra-se ligada à escolha, e não à natureza, a abertura plena e irrestrita do caminho da educação para as mulheres talvez pudesse, finalmente, libertá-las de suas prisões (KING, 1984, p. 74), sobretudo aquelas que elas se viram obrigadas a imporem a si próprias, visando proteger-se dos ataques e acusações com os quais precisaram lidar ao terem a “audácia” de se igualarem ou superarem os seus pares do gênero masculino. Um caminho que, uma vez aberto a todas as mulheres, talvez pudesse permitir, enfim, lançar luz — sem a qual nenhuma fama ou imortalidade seriam possíveis — sobre a longa e nobre linhagem de mulheres notáveis e intelectualmente talentosas, ou ainda, servindo-nos dos termos com os quais Cereta encerra sua carta, sobre a república das mulheres, tão digna de veneração” (CERETA, 1997, p. 80).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVENUTO, F. Christine de Pizan: razão e educação das mulheres na Cidade das damas. *Perspectiva Filosófica*, v. 48, n. 2, 2021, pp. 43-68.
- BOCCACCIO, G. *Concerning famous woman*. Trad. Guido A. Guarino. New Brunswick; New Jersey: Rutgers University Press, 1963.

BROAD, J.; GREEN, K. A history of woman's political thought in Europe 1400-1700. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CERETA, L. *Collected letters of a Renaissance feminist*. Trad. Diana Robin. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

KING, M. Book-lined cells: woman and humanism in the early Italian Renaissance. In: LABALME, P. *Beyond their sex: learned woman of the european past*. New York: New York University Press, 1984.

KING, M. *Woman of the Renaissance*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

KING, M.; RABIL, A. Introduction to the series. In: CERETA, L. *Collected letters of a Renaissance feminist*. Trad. Diana Robin. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

RABIL, A. *Laura Cereta: Quattrocento humanist*. Binghamton: Medieval & Renaissance Texts Studies, 1981.

PETRARCA, F. *Na terra e no céu: 84 sonetos de amor para Laura*. Trad. Sérgio de Queiroz Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ROBIN, D. Translator's introduction. In: CERETA, L. *Collected letters of a Renaissance feminist*. Trad. Diana Robin. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

STELLA, C. Umanesimo e profezia: per una lettura delle Epistolae Familiares di Laura Cereta (1469-1499). In: *Scienza & Politica*, v. XXXIV, n. 66, 2022, pp. 45-60.